



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

PATRÍCIA CARDOSO TRAUER

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias - Segundo Tempo

Número da entrevista: E-177

Entrevistada: Patrícia Cardoso Trauer

Nascimento: 05/04/1985

Local da entrevista: UFSM – Santa Maria/RS

Entrevistadora: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 27/10/2010

Transcrição: Alan Wasum da Silva

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 28 minutos

Páginas Digitadas: 10

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

TRAUER, Patrícia Cardoso. *Patrícia Trauer (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (Coordenadora Geral do PST Universitário): como conheceu o Programa, passos até chegar à coordenação geral; atividades que desempenha; reuniões realizadas; perfil dos monitores e coordenadores de núcleo; processo de capacitação; importância do PST para a formação acadêmica e profissional; inclusão social promovida pelo Programa; atividades realizadas; opinião para uma maior qualificação do Programa; incorporação da proposta do Programa (esporte lazer) pela instituição.

Santa Maria, 27 de outubro de 2010. Entrevista com Patrícia Cardoso Trauer - Coordenadora Geral do PST Universitário de Santa Maria.

M.F. – Patrícia gostaria que você me falasse um pouco de como você conheceu o PST?

P.T. – Eu conheci o PST através de uma ligação do professor me avisando que havia vagas abertas para trabalhar no projeto e era um período de início de semestre, então recebi mais informações sobre o projeto piloto via e-mail, ainda na sua fase de implementação. Eu já conhecia o projeto padrão, pois alguns dos meus veteranos trabalhavam nele durante a faculdade, e, quando eu estava na graduação, não tive oportunidade de trabalhar de monitora em função de que não teve mais o projeto no município; por isso é que eu já tinha uma referência sobre o Programa. Então, vim a conhecer o projeto piloto universitário mesmo através da documentação que me foi enviada pela coordenadora geral na época, que não era eu. Me informei, fiz a minha inscrição para participar do projeto. E foi basicamente assim, e através também da divulgação que teve do edital, enfim.

M.F. – E quando que você iniciou a trabalhar no PST, de fato? Foi por convite, de que maneira foi que você chegou e começou a trabalhar?

P.T. – Eu comecei a trabalhar no Segundo Tempo através de convite e a seleção pelo edital. Foi um convite de um professor e da coordenadora geral, e passamos, eu e as outras coordenadoras de núcleo na época, pelo processo de seleção e começamos a trabalhar no Segundo Tempo já em fevereiro de 2009. A partir do momento que nós fomos contratadas, começamos a fazer toda a documentação, os projetos, o relatório de procedimentos preliminares. Então, toda a contratação dos monitores, todos os documentos, o primeiro relatório que foi encaminhado, a documentação da proposta pedagógica anual, e depois as propostas de núcleo. E foi basicamente nisso, no início de fevereiro de 2009.

M.F. – Bom, e hoje você é coordenadora geral?

P.T. – Sim.

M.F – Como e a partir de quando você chega a ser a coordenadora geral? Como foi a sua chegada até a coordenação geral?

P.T – Eu trabalhei como coordenadora de núcleo até metade de outubro de 2009. Então, a nossa coordenadora geral passou em um concurso fora da cidade e teve que sair do projeto. Ela saiu e em convite dela eu passei a assumir a coordenação geral a partir de outubro do ano passado. Trabalhei até o finalzinho de setembro na Coordenação Geral do projeto. Então, eu comecei como coordenadora de núcleo e fui desenvolvendo o trabalho no núcleo dos esportes e acabei aceitando o convite pelo fato de eu gostar bastante e pelo fato de eu já conhecer bastante a estrutura e funcionamento, as participações que nós tivemos em todas as formações, tudo. Tanto eu como os outros coordenadores tinham, também plena capacidade de assumir a coordenação geral. Foi mais uma questão de gosto mesmo da área, e eu acredito que foi isso.

M.F. – E qual é a função da coordenação geral? O que você faz?

P.T. – O que eu faço é administrar os coordenadores de núcleo e, conseqüentemente, organizar o projeto, buscar as informações junto à Secretaria, junto às informações aqui na Universidade, trabalhar com as parcerias aqui, manter o contato, a comunicação com os diversos setores, com o próprio Centro de Educação Física, com a Reitoria, com a administração central, manter o pessoal informado sobre o projeto, sobre as respostas e os retornos que nós temos do Ministério do Esporte, dar este retorno da documentação, do trabalho feito, do trabalho desenvolvido ao Ministério também, assim como organizar as capacitações pedagógicas, reuniões, e buscar trazer sempre alguma coisa nova para o projeto e desenvolver o projeto da melhor maneira junto à participação dos beneficiários.

M.F – Tem alguma rotina que vocês se encontram? Você como coordenadora geral e com os outros coordenadores, tem alguma rotina de se encontrar, de ver o que está sendo feito?

P.T. – Sim. São realizadas duas reuniões por semana: uma reunião mais pedagógica, que nós discutimos mais as propostas de aula, como estão sendo desenvolvidos os trabalhos dos coordenadores, como está o trabalho dos monitores, em função das dificuldades das aulas, o que vem sendo desenvolvido, as modalidades; e uma reunião mais administrativa,

que é em função de material, se está faltado, se a estrutura está boa, se não está boa, se está tendo problemas em horários, em locais, enfim, algumas outras atividades nesse sentido, mais administrativas mesmo, mais técnicos.

M.F – Quem são os monitores?

P.T. – Os monitores são todos alunos do curso de Educação Física aqui da UFSM¹, tanto da licenciatura quanto do bacharelado. Nós temos alunos que fazem os dois cursos, a licenciatura e o bacharelado, e aluno só da licenciatura e aluno só do bacharelado. A maioria deles está em torno do 5º e 6º semestre mais ou menos. Nenhum deles começou a trabalhar no Segundo Tempo antes do 3º semestre. Então, eles já tinham alguma experiência com a Educação Física e com a própria modalidade que eles estão desenvolvendo e já tiveram alguma experiência de projetos de extensão.

M.F. – E os coordenadores de núcleo também são alunos da Educação Física?

P.T. – Todos são alunos da Educação Física. Grande parte agora dos cursos de especialização em Educação Física Escolar e em Atividade Física Desempenho Motor e Saúde, que são os dois cursos de especialização aqui do Centro. Uma acadêmica se formou agora. Então, já está como aluna especial deste curso de especialização e os outros todos também são alunos da pós-graduação.

M.F. – E quantos alunos têm matriculado hoje no programa, os beneficiários?

P.T. – Em torno de 300. Ativos nós temos 342, que já estão, inclusive, cadastrados no site do Ministério e, conforme nós vamos fazendo novas inscrições, nós vamos ativando e atualizando estas inscrições, pois alguns desistem ou se formam, enfim. E outros começam de novo, ou só trocam de núcleo. Então, vamos atualizando semestre a semestre esta lista.

M.F. – Você participou de processo de capacitação?

P.T. – Participei.

M.F. – Você consegue fazer uma pequena avaliação desses processos? O que você achou, teu ponto de vista? Você participou aonde?

P.T. – Eu participei de um em Brasília com as coordenadoras de núcleo e a coordenadora geral, que foi mais uma apresentação do Programa de todo o procedimento que se devia fazer antes de iniciar, que não foi muito uma capacitação. Para nós aquilo já estava “batido” porque o nosso projeto já foi para capacitação com tudo encaminhado e tudo funcionando, só aguardando a ordem de início. Entretanto, nós chegamos lá em Brasília e a primeira capacitação para nós foi um pouco frustrante, porque as outras Universidades que estavam participando como pilotos ainda não tinham toda a estrutura formada, estávamos na frente das discussões. Não havia sido feito edital. Eles não estavam em andamento, estavam recém começando. Isso foi em março do ano passado, 2009. Essa foi a primeira capacitação. Depois nós participamos de uma capacitação promovida também pelo Ministério do Esporte, e uma capacitação que para nós coordenadores, de fato, foi a mais importante, que mais nos trouxe subsídio, que foi a capacitação promovida pela equipe colaboradora EC 18 lá de Pelotas. Nós fomos à Pelotas e participamos da capacitação, e conseguimos um material didático mais atualizado, porque nós tínhamos muito material do padrão e em função do público alvo ser bem diferente, bem distinto, o que nós tínhamos estudado não se aplicava na prática com os estudantes universitários. As próprias atividades e as diretrizes do projeto ficavam um pouco distintas e complicava muito discutirmos a prática pedagógica. Nós tínhamos muita dúvida no início quanto à aplicação daquelas diretrizes, até enquanto, no meu caso específico que trabalhava como coordenadora do núcleo dos esportes, o esporte era o mais difícil de todos. Tínhamos bastante dificuldade. A partir desta capacitação em Pelotas, nós conseguimos clarear um pouco mais as idéias.

M.F. – E essa de Pelotas foi uma capacitação por temáticas? Você se lembra? Foram temas que foram discutidos?

¹ Universidade Federal de Santa Maria.

P.T. – Foram apresentados os projetos da equipe colaboradora, todos que ela abrangia e foram discutidos os vários temas que estão no livro dos fundamentos², um livro novo dos Fundamentos do Programa Segundo Tempo. É a nossa segunda bíblia, digamos assim. Tem a primeira bíblia que é um livro verde dos fundamentos³, mas que se aplica basicamente ao projeto padrão, à crianças, e, esse livrinho branco que nós chamamos, que é a nossa bíblia. Foram discutidos vários temas: deficiência, inclusão, esporte, outras atividades, questões de gênero e sexualidade, assim como outras questões também.

M.F. – E você como ex-aluna de Educação Física e também já terminando sua especialização, como é que você vê um Programa, um projeto como o PST na Universidade, para formação? Tem alguma avaliação disso? O que você vê de positivo nessa proposta de um PST Universitário, nessa modalidade universitária?

P.T. – Eu vejo uma proposta muito rica tanto para o público alvo quanto para a formação do pessoal que está trabalhando, porque dentro do Programa nós temos várias condições de o estudante de Educação Física participar do projeto tanto para aprender como para capacitar, buscar informações a respeito das áreas que eles pretendem trabalhar futuramente. No Segundo Tempo que nós implantamos aqui na UFSM, nós tivemos os monitores voluntários, que eram monitores não bolsistas do projeto que participavam voluntariamente das atividades, escolhiam as atividades que mais lhes interessavam, e, no final do semestre, ou no final da participação, nós entregávamos um certificado de participação em projeto de extensão porque o projeto é registrado aqui no Centro. Também tivemos estagiários no PST. Os alunos de Educação Física têm uma disciplina de estágio supervisionado em saúde I e II e em esporte I e II, do bacharelado e da licenciatura, e esses alunos participavam das modalidades que eles escolhiam. Tinham que cumprir uma carga horária em função de alguns critérios mais programáticos da disciplina, cumprir a ementa, e nós oportunizávamos essa monitoria, essa orientação dos alunos dentro do Segundo Tempo. Eles participavam como monitor, muitas vezes, não só na observação das atividades. Eles faziam avaliações sistemáticas, faziam observações, faziam registros,

² Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Organizado por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim. Publicado pela Editora da UEM em 2010. Livro de capa branca.

³ Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo. Impresso pela Gráfica da UFRGS em 2008. Livro de capa verde.

avaliavam, participavam das reuniões, dos grupos de estudos, participavam de todo o projeto. Então, foi muito importante para a formação acadêmica. Porque só as disciplinas não dão conta muitas vezes da formação. Então, o aluno tem que buscar fora e, se ele não vai buscar fora por conta própria, ele fica sem base. Muitas vezes, o aluno acaba não buscando fora pelo desconhecimento. Então, com a disciplina de estágio supervisionado, eles puderam se inserir no Programa a partir do próprio currículo da Educação Física. Então, eles já puderam ter essa vivência desde a formação de como acontece, como desenvolvemos o projeto, do planejamento das aulas, que todos tiveram acesso, e, quando surgia oportunidade, os alunos davam as aulas no PST. Quando eles já se sentiam seguros, eles davam as aulas, participando mais ativamente das aulas.

M.F. – Você acha que o Segundo Tempo Universitário promove a inclusão social? Porque essa é uma das propostas do projeto piloto, do Padrão. Então, esse padrão é um projeto que promove a inclusão social de crianças e jovens no contra turno escolar e na Universidade. Você acha que ele também dá conta dessa questão da inclusão social? Qual é tua análise?

P.T. – Sim. Eu tenho plena certeza pelo fato de que, em março de 2009, nós realizamos um questionário, um diagnóstico com os moradores da casa do estudante, que foi nosso público alvo no início do projeto. São moradores aqui da Universidade, todos estudantes. E, dentro deste diagnóstico e de outra pesquisa realizada pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), nós já observávamos essa inclusão. Muitas vezes, finais de semana, os alunos tinham o ócio que os levavam à tristeza, porque estão fora da cidade de origem, estão distantes da família, muitas opções de lazer na cidade necessitam ter dinheiro. Então, vários desses fatores somados causavam aos estudantes uma tristeza, uma depressão, um isolamento das pessoas. O estudante ficava ali, só, no seu cantinho, na casa do estudante, não saíam muitas vezes, só tinha aquela vida ativa mais durante a semana, durante as aulas. Então, com o diagnóstico, nós percebemos que isso aos pouquinhos foi mudando, inclusive, todo o semestre, nós fazemos avaliação, no qual os beneficiários do projeto nos respondem a uma “meia dúzia” de perguntas: se o projeto ajudou em alguma coisa na vida pessoal, no quê ajudou, pontos positivos e negativos, e, muito das respostas dos beneficiários, aparecem que eles conheceram mais pessoas, que eles agora têm mais amigos, que eles vão e voltam para as atividades já com um grupo formado, que eles conheceram o pessoal lá dos outros blocos, ou que eles conheceram gente de outros cursos.

As relações sociais ficaram mais amplas, muito mais intensificadas com o Segundo Tempo. E também fora a prática de exercício que muitos deles relataram ser um tanto quanto sedentários em função da comodidade e do próprio custo em função de sair da Universidade e pagar uma atividade fora. Uma atividade extra seria um custo benefício alto. Então, pela atividade ser gratuita e próximo do local de trabalho, do lado de estudo e da moradia, eles já conseguiram ter mais acesso e conseqüentemente já são mais ativos e conseguem ter essas relações sociais muito mais amplas. Além do que, durante o projeto, fora as atividades regulares, nós fizemos também os períodos concentrados. São os eventos do Segundo Tempo. Nós chamamos de período concentrado porque é um período em que oferecemos mais atividades, fora as regulares, durante um espaço mais curto, durante um final de semana. Por exemplo, nós fizemos “mateadas”, visitas ao planetário, visitas ao laboratório de biologia, atividades que não são oferecidas regularmente, pilates, canoagem, ping-pong, rugby, atividades que não são oferecidas pelo fato de não terem um público alvo específico e regular, que fique nas atividades sempre, até pela função climática, enfim, e alguns outros motivos. Nós oferecemos também dança do ventre, além de muitas atividades que os beneficiados do PST adoraram e também com a pesquisa que fazemos sempre estamos envolvendo os beneficiários nisso. Eles sempre sugerem: “Será que dá para repetir a aula de dança do ventre?”, “Dá para repetir a aula de ‘street’?”, “Dá para repetir o basquete de rua?”, “Dá para repetir isso?”. E a “mateada” é certa, é sagrada que sai em todos os eventos no Segundo Tempo, e nós conseguimos...

M.F. – E como é a “mateada”?

P.T. – É uma “mateada” à tardinha. Nós nos reunimos lá no hall da união universitária, que é na frente do restaurante universitário, em um saguão. Nós colocamos uma caixa de som, muitas vezes, conseguimos auxílio das “ervateiras” para trazer a erva e a bombona de água quente, e nós, coordenadores e monitores, colocamos música e fizemos atividades durante a tardinha até lá pelas onze horas, meia noite, no final de semana. Sempre no final de semana, em um sábado para domingo. É um espaço de socialização dos beneficiados e de todos os estudantes, apreciam a cultura gaúcha de um bom chimarrão, uma conversa com os amigos e um “baita” baile. Também fizemos luau, juntamos um grupo dos beneficiários, um que toca gaita, outra toca violão. Então, nós convidamos eles e fizemos um luau. Sentamos em um gramado à noite, colocamos umas tochas ao redor e cantamos

várias músicas um período da noite. Na época, estava tendo a copa de futsal da casa do estudante e houve a premiação no luau. Então, sempre procuramos envolver os beneficiados nesses eventos, uma coisa bem importante, e por isso as relações sociais vão crescendo cada vez mais.

M.F. – E é uma ação cultural também?

P.T. – Cultural, com certeza. As músicas gaúchas sempre estão presentes inclusive nas aulas de dança. A “mateada” nos nossos relatórios sempre temos que descrever o que é uma “mateada”. É justamente isso, trazer um pouco da cultura do Rio Grande do Sul.

M.F. – Patrícia, o que você acha que é possível fazer para o PST se qualificar mais?

P.T. – Eu acredito que um olhar e um investimento mais seguro tanto da instituição quanto do Ministério, pelo fato do projeto não ter uma continuidade regular. Nós temos essa dificuldade quanto à quebra de um semestre para outro, quanto à quebra da própria estruturação do projeto, que prevê um ano, enfim, algumas mudanças que acreditamos que já estão ocorrendo em função da estruturação do Segundo Tempo ser universitário agora, não ser mais somente o padrão (nas escolas). O padrão tem vários objetivos que se enquadram no ano letivo, mas como a instituição de ensino superior oferece semestralmente atividades diferentes, e semestralmente entram e saem alunos, esse foi um ponto que nos dificultou bastante enquanto o desenvolvimento das atividades. Acredito que também esse olhar mais responsável da instituição quanto às políticas públicas voltadas ao esporte e ao lazer, porque os estudantes não têm ainda uma visão do esporte lazer como um direito obrigatório. Eles têm e eles reconhecem o direito da saúde, reconhecem o direito da alimentação, da moradia e do transporte, eles reivindicam tudo isso. Toda hora aqui na cidade tem manifestação para lá e para cá dos estudantes. Então, quanto a isso, pelo fato de eles ainda não incorporarem o esporte lazer como um direito, ainda não tem essa movimentação, mas já está começando uma movimentação com o próprio projeto. Nós já observamos essa movimentação na administração central, porque já houve um planejamento agora no plano de gestão para 2011 de alguns espaços de esporte lazer. Então, já foi dado um olhar, uma atenção a isso. Já foi um legado do projeto.

M.F. – Já está garantindo alguns direitos.

P.T. – Está garantindo. Eles já estão pensando no esporte lazer como uma ação específica dentro do projeto pedagógico da instituição, não só do curso de Educação Física, mas como uma ação já partindo da instituição. Então, eu acho que é isso, uma responsabilidade maior.

M.F. – Você quer falar mais alguma coisa?

P.T. – Não sei. Foi tanta coisa que desenvolvemos nesses dois anos praticamente, que um ano passa rapidinho. Não deu para o projeto desenvolver tudo aquilo que nós queríamos. E, como nós terminamos a vigência oficial no final de abril deste ano, nós continuamos até hoje pela instituição. O projeto já encerrou a vigência obrigatória pelo Ministério do Esporte e pela Secretaria, já foi formalizado, e agora o projeto continua pela instituição, pelo reconhecimento da própria instituição. Nós conversamos com o Reitor e Vice-Reitor. Eles têm os documentos, têm os registros, os relatórios de cumprimento do objeto. Toda hora que vem visitas do Ministério do Esporte, nós vamos e conversamos com eles, apresentamos, “batemos uma ideia”, “trocamos um papo”, e isso vai sempre melhorando o projeto como um todo e também trazendo o projeto para a instituição, que é o foco. Acreditamos nós, que seria o foco principal trazer o esporte lazer para a instituição, não especificamente ser uma ação em que só do Ministério do Esporte seja responsável sempre, mas que a instituição incorpore o esporte e o lazer como uma política pública e que pense em ações conjuntas para o desenvolvimento junto aos estudantes.

M.F. – E que os alunos também percebam que tem direito de esporte e lazer.

P.T. – Isto. Todo o final de semestre eles já saem perguntando: “Ano que vem vai ter?”, “Ano que vem vai continuar?”, “Vai ter alguma atividade nova?”. Sempre perguntam se vai ter alguma atividade nova, como é que vai ser, vai ter isso, vai ter aquilo, quem vão ser os professores, aquela coisa toda. Tem atividades que “bombam”. Nós já expandimos, começamos com um público alvo, que era só os moradores da casa, expandimos no segundo semestre para todos os alunos da Universidade, tendo o benefício sócio-econômico da Pró-Reitoria ou não. Atualmente o único pré-requisito é ser estudante da

Universidade. E também já expandimos para casa do estudante do centro da cidade, que tem ainda alguns cursos que não vieram para o campus. Lá no centro tem uma casa do estudante, uma moradia estudantil, e nós conseguimos levar algumas atividades para lá. Nesse semestre, nós estamos conseguindo desenvolver o vôlei de areia no campinho que tem lá, e a ginástica, a dança. Então, pelo espaço que nós temos em função até de ele ser pequeno, de comportar certo número, por enquanto, foram as atividades que nós conseguimos desenvolver lá no centro. E que também foram implementadas a partir de uma busca dos estudantes solicitando: “Bah, aqui no campus vai ficar tarde para mim. A minha aula termina às seis, mas, se eu ficar aqui até as sete horas no inverno, já é muito tarde, noite. Será que não tem como fazer uma atividade lá no centro, porque muitos alunos moram no centro”. Mesmo não sendo moradores da casa do estudante, sendo aluno da universidade também podem participar atividades lá no centro.

M.F. – E é bem distante o campus aqui?

P.T. – É bem distante. Acho que sete a nove quilômetros, acredito, até o centro. E foram essas as solicitações e as coisas que não queremos deixar que o estudante perca.

M.F. – Então, o projeto universitário PST foi se transformando, crescendo, pelo que você está falando.

P.T. – Foi crescendo cada vez mais e queremos que ele cresça mais ainda.

M.F. – Está certo Patrícia. Muito obrigada então.

P.T. – De nada, muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]